

Lembrança certa e lembrança quebrada de um velho sobrevivente.

Geise Bernadelli Guerra Enders

Resumo: A narrativa memorialística de um velho educador, sobrevivente da ditadura militar no Brasil, é o eixo condutor da investigação aqui engendrada sobre lembranças certas e lembranças quebradas. Na obra *Não falei*, de Beatriz Bracher, o velho Gustavo assim nomeia suas recordações, e as apresenta na narrativa - ora via simples relatos, ora via construção de imagens - tal como lhe vão aflorando. Examinando essas lembranças à luz da filosofia fenomenológica de Paul Ricoeur, problematizando os conceitos de lembrança pura e lembrança imagem de Henri Bergson, bem como as reflexões confessionais de Santo Agostinho, para compreender do que o narrador se lembra e de que maneira essas lembranças se configuram em sua memória. Por fim, busco estabelecer uma relação entre como se apresentam os fatos recordados por ele ao longo da narrativa com o modo como conduziu sua vida após os eventos decorrentes da ditadura.

Palavras-chave: lembranças; velhos; ditadura; Bracher; Ricoeur.

Certain remembering and broken remembering an old survivor.

Abstract: The memorialistic narrative of an old educator, survivor of the military dictatorship in Brazil, is the main subject of the research here engendered about certain remembering and broken remembering. In the work "Não falei" by Beatriz Bracher, the old Gustavo therefore nominates his recollections and present them in the narrative, sometimes via simple reports, sometimes via the construction of images, just as they come to him. I examine those memories in the light of phenomenological philosophy of Paul Ricoeur, discussing the concepts of pure memory and image memory of Henri Bergson, as well as the confessional reflections of St. Augustine, in order to understand what he remembers and how those memories are shaped in his memory. Finally, I seek to establish a relationship between how the facts recalled by him are presented throughout the narrative and the way he conducted his life after the events stemming from the dictatorship.

Keywords: remembering; old man; dictatorship; Bracher; Ricoeur.

O objeto desse artigo partirá do livro *Não falei*, de Beatriz Bracher (2004). Mais especificamente o que o narrador e protagonista, Gustavo, um velho sobrevivente da tortura na ditadura militar do Brasil, entende por e nos apresenta quando utiliza os termos: lembrança quebrada e lembrança certa.

De que há lembrança? De quem é a memória? São duas perguntas que o filósofo Paul Ricoeur lança em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, as quais considero inquietantes e que orientam minha pesquisa. Aplicadas ao caso particular de Gustavo, as duas perguntas suscitaram-me ainda uma terceira: como se lembra?

A situação do personagem é bem peculiar; é um homem solitário que vive na velha casa de sua família, aos sessenta e quatro anos está se aposentando como professor numa renomada universidade de uma grande cidade e decide continuar a trabalhar, mas num novo contexto, com um novo desafio à frente, vendendo a casa e mudando-se para uma pequena cidade interiorana.

As despedidas e homenagens na universidade o enfadaram devido às menções à sua pessoa no tempo passado, ele afirma que esse enterro em vida não lhe convém, pois busca justamente renovar-se com o caminho que deseja trilhar. No entanto, para fechar esse ciclo e entrar num outro, questões práticas e burocráticas que demandam tempo lhe fazem viver o que chama de “entreato da vida”, sendo este o momento da narrativa.

A venda da casa antiga da família, o seu próprio vazio, lhe obriga a revirar papéis e objetos dos familiares que lá estiveram ao longo dos anos: “*Moldes de dona Joana, anotações escolares da Vóana, rascunhos de atas e manifestos de seu Joaquim, cartas de Jussara, anotações e esboços de Lígia e o livro de José.*” (p.91). Esses objetos portadores de lembranças lhe evocam situações das pessoas com as quais conviveu. Segundo o próprio narrador “*são pedaços de vida sem ordem à espera da imaginação*” (p.92).

Sendo assim, lembranças surgem a partir de suposições do uso daqueles objetos, ou mesmo da imaginação de quem os manuseia, ou em nítidas imagens quando o objeto fora partilhado também por ele em algum momento. Um exemplo claro dessas recordações a partir de objetos ocorre quando Gustavo encontra um manuscrito do pai, um papel barato com itens ordenados e sucintos e, ao lado, um cartaz impresso pelo sindicato, contendo os mesmos itens e muito mais texto, inchado de patriotismo. Ao ver esses papéis, se lembra de como o pai conduzia diplomaticamente os assuntos sindicais e de sua laboriosa e sucinta escolha das palavras.

A visita do irmão por conta da venda e os manuscritos de seu mais novo romance também mexem com sua memória. Além das despedidas em vida no trabalho, há também uma entrevista que deve conceder a uma jovem escritora, cujo romance o personagem principal tem uma história muito semelhante à de Gustavo.

Tantas mudanças em sua rotina e em sua vida trazem à tona elementos de seu passado,

rememora a tortura que sofreu quando fora preso pelos militares e todas as consequências desse fato, também o trabalho nas escolas junto aos professores, alunos e seus familiares. Sua memória embaralhada, quebrada, como o próprio narrador descreve, e as lembranças que as situações citadas evocaram, conduzem Gustavo a refletir profundamente sobre sua vida e os rumos que ela tomou após os traumas desencadeados por sua prisão.

À medida que a narrativa se desenrola e que as lembranças vão surgindo, embaralhadas, podemos juntá-las e ter mais clareza sobre a personalidade desse homem que, de um simples velho que está se aposentando e recordando seu passado, revela-se de uma grande complexidade - *“Para que educar? Criar homens livres, revolucionários, críticos, úteis, cidadãos, cada década com seu objetivo, e agora? Não há saída fora da complexidade.”* (p.46) - um homem que nos apresenta profundas reflexões sobre a natureza humana a partir de sua experiência de vida.

O título da obra, *Não falei*, é expressivo e adianta ao leitor um indício do drama pessoal do protagonista. Professor desde muito jovem, casado com Eliana, irmã de seu amigo irmão de infância, Armando, Gustavo opta por resistir à ditadura em sala de aula, incitando em seus alunos uma educação questionadora. Diferentemente, o cunhado militava na linha de frente da resistência e, secretamente, nos movimentos armados.

Gustavo fora preso pelos militares a fim de delatar informações que pudessem leva-los a Armando.

Colegas de resistência, para evitar outra prisão, enviaram Eliana a Paris, deixando a filha do casal, ainda bebê, aos cuidados da avó. O professor pouco sabia das ações do cunhado, tampouco de seu alijamento secreto aos movimentos armados, menos por isso e muito mais pela irmandade sincera pelo amigo, ele nada falou. Suportou terríveis torturas, mas não falou.

No entanto, três dias após sua liberação, Armando é pego, torturado e morto pelos militares. Além das dores e desfiguração de seu corpo, Gustavo tem de lidar com a culpa da delação a ele atribuída e com o sofrimento pela perda do amigo; logo em seguida sua esposa morre de pneumonia longe de si e, para completar a tragédia, a sogra se suicida, depois de tê-lo acusado de traidor.

Contada assim, de maneira pragmaticamente resumida, a história desse personagem perde toda a complexidade que, magistralmente, nos é apresentada no romance. O enredo desenrola-se no mesmo ritmo que as reflexões do velho se colocam e com o mesmo ordenamento que suas lembranças afloram, ou seja, sem uma sequência cronológica e sem um encadeamento lógico, de modo embaralhado, quebrado, como ele mesmo nomeia e como se dá, de fato, o surgimento das lembranças dos velhos¹.

“Ela quer a minha idade. Fareja por resquícios daqueles anos na fala atual dos homens velhos. (...) Eu falei a ela que não me lembrava de quase nada e ela disse que queria isso também, a lembrança quebrada, um embaralhamento do

¹ Baseio essa afirmação nos estudos sobre a memória dos velhos de Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade* (1994).

que sobrou visto de longe, quase sumindo no meio do tal vazio agressivo." (p.19)

De fato, as lembranças de Gustavo surgem quebradas, embaralhadas, é a própria arquitetura do texto que nos envolve nesse modo de recordar que é próprio dos velhos. Numa mesma página ele conta sobre como beijou Eliana pela primeira vez, sobre relatórios que fez para a secretaria de educação, faz uma reflexão filosófica sobre a necessidade da educação, relata o percurso do homem da infância à velhice e à morte e retoma a descrição de Eliana - p.46 -. Noutras vezes, a construção do texto mostra-se mesmo caótica, sem nexos, como em - *"Eu mostro a ela (Marta) como achar tatu-bolinha e estourar as sementinhas de maria-sem-vergonha. Queria que Lígia fosse para São Carlos. O cachorro de Alexandre solta pelos e espirrarei a noite inteira."* (p.80). Tudo isso embaralhado assim mesmo, mas com um fio condutor tênue, que perpassa o romance, nos fazendo sentir como se estivéssemos na própria consciência de Gustavo e nos permitindo juntar as peças da maneira necessária para compreendermos a complexidade de sua história.

De uma grande riqueza na estrutura da construção e no trabalho da linguagem *Não falei* suscita-nos profundas reflexões e questionamentos acerca das relações humanas, dos afetos que nos são caros, dos traumas de cada um e suas reverberações por toda a vida; bem como sobre o sistema educacional brasileiro e sobre o período ditatorial por que passamos. Sobretudo, esse romance é um trabalho de memória em que, no esforço narrativo de Gustavo, algumas lembranças são por ele

buscadas e outras lhe surgem a partir de elementos externos a ele. Nessa tessitura da intriga o velho professor vai ressignificando seu passado, reconciliando-se consigo mesmo, encerrando seu luto e, ao final desse percurso e por causa dele, concretiza uma memória feliz², que coroa a narrativa e nos apresenta, numa cena plasticamente muito bem construída, o reconhecimento de Gustavo.

O termo memória feliz não se trata da lembrança de algo bom, prazeroso; trata-se de uma memória que é alcançada após um longo trabalho de busca e que culmina no reconhecimento do indivíduo. É aqui utilizado na concepção empregada por Paul Ricoeur, e que exprime o resultado final de um árduo trabalho da memória, que consiste na realização de uma busca das lembranças, culminando num reconhecimento de si que é libertador para o indivíduo.

Para elucidar parte das indagações sobre a memória, partindo do próprio romance e apoiando-me nas interpretações de Ricoeur sobre algumas teorias de Henri Bergson e de Sigmund Freud, este trabalho visa responder, sobretudo, a primeira questão: **de que há lembrança?**

As primeiras ferramentas de que se dispõe para uma análise como essa são as definições de lembrança pura e lembrança imagem de Bergson, problematizadas por Ricoeur pelo que nomeou de forma correspondente de lembrança certa e lembrança do tempo passado, respectivamente. Embora seja também de interesse a presente

² Termo cunhado por Ricoeur (RICOEUR, 2007, p.502).

questão, não entrarei nesta ocasião no tema do papel da imaginação para o exercício da memória.

Antes de partir para a análise de fato, interessante problematizar um pouco sobre a obrigatoriedade ou não da existência de uma imagem quando se presentifica uma lembrança. Talvez para acessar uma lembrança não seja sempre necessário presentificar o passado sob a forma de imagens. Questiono essa aparente obrigatoriedade respaldando-me na possibilidade deixada por Bergson quando afirma que *“Uma lembrança, à medida que se atualiza, provavelmente tende a viver numa imagem,...”* (RICOEUR, p. 68). Recorro também a Santo Agostinho em suas *Confissões*³, quando apresenta os vastos palácios da memória, tratando das lembranças enquanto percepções e impressões de variadas apresentações, não apenas sob imagens, e cuja explicação sobre a maneira como entraram em sua memória o próprio pensador ignora.

Partindo desse entendimento, acredito que parte da construção narrativa de Gustavo não advém de lembranças imagens, mas de recordações, de reflexões apoiadas na *anamnese*⁴, ele recorre a

uma parte de sua memória que está sob mais fácil acesso.

Em contrapartida, quando algo lhe suscita uma lembrança, seja um objeto, um cheiro, um som ou mesmo a lembrança que o outro traz, faz-se indispensável atuar no plano do imaginário para acessar a memória mais profunda e, no momento presente, rerepresentar esse passado por meio de imagens, as quais ele nos descreve.

Nesse sentido, nosso personagem apresenta recordações e lembranças, de formas bem distintas umas das outras. No esforço de seu exercício narrativo, recorda-se, mesmo que desordenadamente, busca em sua memória e reflete sobre ela com a finalidade de traçar sua biografia, de desenhar para si e para nós os caminhos que percorreu, sua visão acerca de seus próximos e suas relações de afeição com cada um, bem como sua visão sobre a educação e a política.

No entanto, alguns objetos, sensações, falas e situações que experiencia evocam nele um retorno ao passado, são lembranças que acessam a memória mais profunda, utiliza, portanto, a imaginação para abstrair-se do tempo presente e evocar o passado sob forma de imagens, como explica Bergson sobre a capacidade distinta que o homem tem de sonhar, *“de atribuir valor ao inútil”* (RICOEUR, p.67).

Uma das mais belas cenas que Gustavo nos relata imagetivamente é a de sua mãe amamentando Jussara ao pé de sua cama: *“... uma sequência*

³ O livro décimo das *Confissões* (2002) aborda reflexões e questionamentos sobre a memória. No capítulo X encontra-se: *“Mas as realidades significadas por tais palavras, eu jamais atingi com nenhum sentido do corpo, nem as vi em nenhuma parte fora de meu espírito; o que gravei na minha memória não são suas imagens, mas as próprias realidades. Que me digam, se o puderem, por onde entraram em mim! (...) Ignoro.”* No capítulo XI: *“Por isso descobrimos que adquirir tais noções – cujas imagens não atingimos por meio dos sentidos mas que percebemos em nós, sem o auxílio de imagens, tais como são em si mesmas, (...)”*

⁴ Do grego *ana*, trazer de novo e *mnesis*, memória. Na concepção platônica *anamnesis* é uma busca por algo do passado na memória, em oposição a *mneme* que é uma

evocação, o surgimento atual de uma lembrança. À ideia correspondente de *anamnesis* Sócrates nomeou recordação.

sonora e tátil que se misturava com meus sonhos, choro miúdo crescendo, chinelo de feltro no chão de taco, o peso das duas nos pés de minha cama, suga-suga, entreabria os olhos e via mãe e nenê, uma bola só,..." (p.68). Tal lembrança foi acessada pelo personagem a partir da constatação da inexistência de Jussara no romance do irmão, José. Com este relato podemos perceber como a imagem configura-se para a memória como a presença do ausente, podendo ser compreendida como um vestígio que está gravado na alma. Neste mesmo trecho, com a colocação "José não poderá contar dessa imagem" (p.68), nosso narrador também oferece um objeto de pesquisa igualmente valoroso, a questão da transmissão de uma lembrança a outrem e de quem atribui lembranças, uma investigação para responder à segunda questão: de quem é a memória?

A utilização da imaginação para formar imagens que rerepresentem o passado, a lembrança imagem, distingue-se substancialmente, no entanto, do que Bergson chamou de lembrança pura. A problemática em torno do que se define por lembrança pura ultrapassa o tempo de Bergson e ainda é objeto de grandes discussões. Então, sem encerrar o conceito, compreendo por lembrança pura aquela que ocorre no plano do sentimento e das sensações que ela provoca em quem se lembra. Ela só ocorre no exato momento em que a pessoa se lembra de algo significativo pela primeira vez, até então obscuro. Quando essa lembrança é elaborada, passando ao plano da oralidade e da narrativa já se configura uma lembrança imagem.

Obviamente que as lembranças do personagem que temos acesso nos são dadas por sua narrativa, portanto, lidamos apenas com suas recordações, em que alguns dados são de fácil acesso em sua memória, e com suas lembranças imagens, aquelas que surgem a partir de uma rerepresentação do passado. Entretanto, todo o trabalho de reflexão de Gustavo sobre sua vida, transformando-a numa narrativa primeiro para si e, posteriormente, para nós, presentificando o passado em imagens por diversas vezes, tem um propósito final após a ressignificação do passado que é a reconciliação com ele mesmo, o reconhecimento, como coloca Ricoeur. No caso do nosso personagem esse reconhecimento ocorre no momento em que ele concretiza uma memória feliz, a da conversa com o pai, que apresentarei a seguir.

O propósito do reconhecimento só é alcançado após o trabalho de, utilizando a metáfora de Aristóteles de pôr debaixo dos olhos, de trazer algo à tona das trevas para a luz, ele consegue alcançar o sentimento primigênio da lembrança pura, aquela que, ao surgir inesperadamente e rerepresentar o momento passado com a intensidade do momento vivido, ressignifica esse passado possibilitando a liberdade. Sendo assim, todo o trabalho de recordação de Gustavo e suas construções em imagens de lembranças que lhe foram caras, resultaram, ao final da narrativa, no surgimento de uma lembrança pura, uma lembrança que ele nomeia certa e que lhe surge inesperadamente, a da conversa com o pai quando saíra da prisão. Naquele momento ele estava tão tomado pela dor que não conseguiu considerar as palavras do pai, involuntariamente suprimiu esta

lembrança, que ficou até então obscura e inacessível, mas que coroa sua reflexão sobre seu passado e lhe permite sentir-se livre novamente.

“Tenho ainda uma lembrança certa de setenta. Não sabia que tinha, mas ela está aqui, intacta. Dá aflição até, de tão viva, e não existia alguns dias atrás. Mas chega com som, imagem e temperatura, parece que só agora compreendo, quer dizer, vivo esse momento passado. Foi gravado e guardado antes que me desse conta de sua existência.” (p.146)

Considero que esta seja a lembrança mais escondida que Gustavo tinha até então, aquela que podemos chamar, segundo Ricoeur, de memória impedida. Um evento traumático como sua terrível tortura, seguido pelo assassinato do cunhado, admitido por todos como ocasionado por sua suposta delação, seguido pela morte da mulher longe de si, culminado na culpabilidade atribuída a ele pela fala da sogra e seu suicídio logo em seguida, provocou em Gustavo um estado de fuga de si, uma suspensão da realidade, traduzida em palavras por ele em alguns trechos da narrativa, por exemplo, os seguintes: *“Curioso, na minha cabeça uma parte da realidade, de seu fluxo, interrompeu-se a partir de setenta”* (p.84); e *“Literatura, poesia, cinema, artes plásticas, teatro, nada aconteceu por dez anos. A partir de oitenta a névoa se dissipa e algumas formas são perceptíveis mas num reino distante que não alcanço e nem tenho muito interesse, apesar de me fazer falta.”* (p.85).

Acredito que Gustavo tenha vivido num estado melancólico⁵ sua vida pessoal por todo o tempo

após ter saído da prisão, sendo que, apenas no entreato da vida, no momento em que, já amadurecido e com o tempo contando a seu favor, dispôs-se a olhar para o passado, visitar sua memória, entrar em contato com objetos portadores de lembranças. Neste momento em que narra sua história, em que suas vivências, experiências e dores são pronunciadas em palavras levando-o a travar consigo mesmo um discurso, é que Gustavo vive de fato seu luto.

Segundo Freud⁶ melancolia e luto não podem ser entendidos como iguais, pois há investimentos afetivos diferentes em cada um que demandam modalidades de trabalho distintas. O trabalho do luto requer tempo, é feito dentro do presente, talvez por isso mais doloroso já que no presente o elemento perdido está ausente, e assemelha-se ao trabalho da lembrança. Ao fim do período de luto, o ego, antes preso ao objeto amado perdido, encontra-se novamente livre. O trabalho do luto, bem como o da lembrança, embora sejam difíceis e dolorosos, são libertadores.

Já o trabalho da melancolia é de compulsão de repetição e resistência. O indivíduo substitui a lembrança por esse duplo fenômeno, diminuindo seu ego, desvalorizando-o, tornando-se vítima da própria condenação. Gustavo sabe que não delatou o cunhado, mas, de alguma maneira, até para ele obscura, sente-se responsável pela morte do amigo, pela morte da esposa à distância e pela

2007, p. 88) designadas pelo antigo sistema dos quatro humores da medicina grega: humor melancólico; humor sanguíneo; humor colérico e humor fleumático.

⁶ Ricoeur cita o ensaio de Freud *“Luto e Melancolia”*. (RICOEUR, 2007, p.85).

⁵ Compreendo o estado melancólico a partir de características do humor melancólico expostas por Paul Ricoeur (RICOEUR,

decadência do pai. Ouve nitidamente a voz da esposa, sente profundamente sua ausência, incorpora hábitos do amigo e do pai, fazendo-os sempre presentes em sua vida, repetindo compulsivamente a resistência a essas perdas.

“Tudo ajuntado assim, lembranças e não lembranças, começo a pensar que estive errado. Talvez jamais alguém tenha me considerado um traidor, a não ser eu mesmo. E outra coisa, não lembro disso ter sido importante nos últimos vinte anos, mas voltou agora que me aposento, que penso nessa entrevista, que mexo nos papéis velhos para desocupar a casa. De qualquer forma, se guarda tamanha força, não pode ser um falso problema.” (p.144)

A narrativa de Gustavo parte das situações a que estava submetido nesse seu entreato da vida. Com o esforço de levar sua memória à linguagem seu estado melancólico presente até então no âmbito pessoal dá lugar a um trabalho de lembrança com o qual pode viver o luto e ressignificar seu passado a fim de reconciliar-se com este, processo que culmina no surgimento da lembrança mais escondida, a da conversa com o pai que o absolve, e que vem à luz somente depois de ele fazer o caminho para concluir o luto e libertar novamente seu ego.

Importante assinalar que este estado melancólico é vivido por Gustavo apenas no plano pessoal, já que profissionalmente ele torna-se bastante ativo, podendo-se concordar com o próprio narrador de que seu trabalho fora sua fuga: *“O estudo, a pesquisa e a linguística me salvaram dessa letargia e alienação, em que só o trabalho importava, mobilizar as pessoas para a ação, (...) Depois afundei-me no estudo, na universidade.”* (p.86)

Esta condição de melancólico do narrador apenas no plano pessoal corrobora para o entendimento que Ricoeur tem desse temperamento e que, diferentemente de Freud que delegou a melancolia aos cuidados da psiquiatria, defende que tal característica, longe de ser uma patologia, é até uma excepcionalidade, tem algo de genialidade, visto que vários grandes pensadores de diferentes áreas apresentaram esse temperamento. Segundo o filósofo, é justamente a ambivalência da melancolia entre ideia de doença e ideia de caráter ou temperamento que promove o equilíbrio da harmonia e desarmonia entre os humores.

Encontro aqui então uma explicação plausível para o trabalho excepcional de Gustavo no campo profissional, enquanto pesquisador, professor e diretor de escola e de cursos de capacitação, aclamado por sua competência e visão vanguardista da educação, mesmo tendo ele sofrido traumas tão marcantes impressos em sua vida pessoal. Sua conduta no trabalho nos é apresentada por ele repleta de questionamentos ao sistema educacional, aos responsáveis pelo ensino e até a si e às suas próprias condutas.

O caso de Benício (pp. 51-55) ilustra bem esse comprometimento de Gustavo, fica evidente aí que seu olhar de diretor para os alunos os via além de sua condição escolar, considerava também seus processos em cada fase etária, as relações familiares e seus históricos de convívio social. Com Benício ele investe em diversas abordagens em longo prazo, mobiliza os professores e a família do rapaz e consegue a todo custo tratamento psicológico, tudo para desestabilizá-lo tirando

dele o papel de palhaço da turma, que havia agarrado com muito apego, resgatou esse aluno da mediocridade e mostrou a ele que tinha capacidade para ser algo melhor. A riqueza de detalhes sobre as relações e análises que Gustavo faz entre a escola, os alunos e suas famílias nos coloca diante de uma profunda reflexão sobre a capacidade revolucionária da educação, sobre o sistema educacional brasileiro e suas transformações após o período da ditadura, e sobre o que a escritora a quem ele concederá a entrevista chama de “vazio agressivo” entre os professores, que a assusta e instiga.

Neste caso, a harmonia entre os humores do nosso narrador o ajudou a sobreviver aos seus traumas; depois de trinta anos a ressignificação de seu passado pode ocorrer por meio do trabalho de rememoração, rejeitando a complacência para com a tristeza e utilizando-se de um dos antídotos⁷ para a melancolia, o trabalho, como nos explica Ricoeur.

Voltamos aqui então à lembrança certa do personagem de sua conversa com o pai, a partir da qual ele consegue libertar seu ego, o percurso de Gustavo tem seu ápice nessa lembrança, resultando no que o filósofo chamou de memória feliz, quando a imagem poética completa o trabalho de luto. Uma passagem de *Não falei*, a metáfora do passarinho colocada por Gustavo,

exprime bem, imagetivamente, o que é o trabalho de busca pela memória feliz.

“... em meio a um raciocínio complexo sobre o específico de uma composição, somos surpreendidos pelo canto de um passarinho. Talvez já cantasse há tempo, talvez seu cantar tenha adentrado manso as reviravoltas do raciocínio, mas o percebemos de supetão, nascido junto com nossa alegria inesperada ao ouvi-lo. Arranca-nos para fora, destrói sem deixar rastros o fio que laboriosamente construíamos, entrega-nos apenas à nossa alegria de ouvir um passarinho. E, não raro, quando nos damos conta da alegria e do fio perdido e suspiramos resignados em recomeçar o trabalho, a solução aparece tão límpida e inesperada quanto o canto.” (p.16)

A lembrança certa de Gustavo está nas últimas páginas do livro. Após todo o percurso narrativo do personagem, em que elabora sua trajetória por meio de seu trabalho com a memória, a lembrança da conversa com o pai após sua saída da prisão lhe surge impactante, sob forma de imagem, nítida, com as mesmas sensações do momento. Considero que esta lembrança, que é nomeada de certa, seja um ótimo exemplo do que Bergson chamou de lembrança pura.

No momento em que pode ser descrita, em que ela se torna uma narrativa para quem se lembra e para nós leitores, já é uma lembrança imagem, pois está construída, apresenta os fatos, os sentimentos e as sensações descritos em palavras. Essa imagem da conversa de Gustavo com seu pai foi muito bem elaborada, é imbricada de um lirismo sutil, captado por nós pela construção plástica da cena e pelos indícios que os detalhes nos fornecem.

O fato de Gustavo estar de frente para a janela, olhando para o exterior escuro, sem luz,

⁷ Ricoeur encontra “nas tradições médica, psicológica, moral, literária e espiritual”, antídotos para a melancolia, tais como: “a alegria, o humor, a esperança, a confiança e também... o trabalho.” (RICOEUR, 2007, p.90)

contrapondo-se ao pai que caminha até ela, olha para o escuro, mas vira-lhe as costas, fornece-nos indícios do estado de espírito em que se encontrava nesse momento, dias após ser solto, ainda desfigurado pelos ferimentos da tortura, ferido na alma pela morte da mulher distante dele e do amigo irmão.

Quando, em meio ao caminhar do pai, cita que olhou para seus chinelos e pensou há quanto tempo os conhecia e que eram muito grandes para ele, impossível não compreender que ali, naquele momento, ele sentia-se como uma criança, vulnerável, indefeso, pois já era adulto e os chinelos do pai não podiam ser, de fato, muito grandes para ele.

Por diversas vezes naquela cena relata que estava com frio, cansado, impaciente e que queria encerrar a conversa, sendo que, ao longo de sua vida sempre escutou atentamente a voz sensata do pai, que pouco falava. O pai, sabendo o valor que suas palavras têm para o filho e intuindo o que ele intimamente desejava àquela altura, lhe diz: *“Gustavo, eu estou te falando, sou eu que estou te falando, é importante você saber que não devia morrer...”* (p.147). Fortes indícios de que, provavelmente, Gustavo preferia estar morto a ter que viver e suportar a dor das perdas e da vergonha, afinal era um sobrevivente⁸.

Vencendo a vida, o tempo esculpe suas marcas e a visita aos palácios da memória se faz inevitável para a compreensão e aquiescência com os caminhos que, grande parte das vezes, não escolhemos trilhar. *Não falei* é uma expressão dessa necessidade humana de olhar para seu próprio passado a fim se reconhecer nele para seguir vivendo. Na esteira do romance, finalizo e justifico este trabalho pegando emprestada a reflexão de Gustavo sobre a ficção - *“Quem sabe apenas aí a tal humanidade encontre seu rosto e possamos falar do que realmente importa.”* (p.56).

⁸ Remeto-me à citação de *A trégua*, de Primo Levi. (BRACHER, 2004, p.121). No trecho Primo Levi, que é um sobrevivente de Auschwitz, reflete sobre a vergonha de ter sobrevivido ao horror. É um tema rico para um trabalho de investigação que encontrará, certamente, inúmeros exemplos na literatura.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

BRACHER, Beatriz. *Não falei*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.